ISSN 2317-5079



PESQUISA

Estresse ocupacional em enfermeiros e técnicos de enfermagem intensivistas de uma uti adulto

Occupational stress in nurses and intensivist technicians of an adult icu

Estrés ocupacional en enfermeros y técnicos de enfermería intensivistas de una uci adulta

Claudineia Silva[1], Eraldo Carlos Batista[2]

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar os agentes estressores internos e externos ao trabalho dos Enfermeiros e Técnicos em Enfermagem Intensivistas que atuam em UTI adulto em Hospital no interior do Estado de Rondônia. Trata-se de uma pesquisa transversal do tipo descritiva de abordagem quantitativa. Participaram do estudo 26 profissionais, sendo 10 Enfermeiros e 16 Técnicos de Enfermagem de ambos os sexos. Para coleta de dados, utilizou-se o Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE). Os resultados mostraram que a maioria dos participantes, 81%, era do sexo feminino, a faixa etária predominante era entre 30 e 39 anos. A presença de estresse foi encontrada em 40% dos enfermeiros e 31,2% dos técnicos de enfermagens. Conclui-se que há necessidade de uma ação conjunta entre instituição e profissionais que possa identificar e combater os agentes estressores internos e externos presentes no cotidiano desses profissionais. **Descritores:** Estresse ocupacional. Enfermeiro. UTI adulto.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the internal and external stressing agents to the work of nurses and intensivist technicians, that work in an adult ICU in the interior of the Rondonia state. This is a descriptive cross-sectional survey with quantitative approach. The study was composed by 26 professionals, being 10 nurses and 16 nurse technicians of either sex. For data collection, it was used the Stress Inventory in Nurses (IEE). The results showed that most participants, 81%, were female, and that the predominant age range was between 30 and 39 years. The presence of stress was found in 40% of nurses and in 31.2% of the nurse technicians. It was concluded that there is the necessity of a joint action between institution and professionals, which can identify and fight the internal and external stressing agents present in everyday activities of these professionals. **Descriptors:** Occupational stress. Nurse. Adult ICU

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue investigar los agentes causadores de estrés internos y externos al trabajo de los Enfermeros y Técnicos en Enfermería Intensivista que actúan en UCI adulta en Hospital en el interior del estado de Rondonia. Esta es una investigación transversal del tipo descriptiva de abordaje cuantitativo. Participaron del estudio 26 profesionales – 10 Enfermeros y 16 Técnicos de Enfermería – de ambos sexos. Para la colecta de datos, se utilizó el Inventario de Estrés en Enfermeros (IEE). Los resultados mostraron que la mayoría de los participantes, el 81%, era del sexo femenino, la franja etaria predominante era entre los 30 y 39 años. La presencia de estrés fue encontrada en el 40% de los enfermeros y el 31,2% de los técnicos de enfermería. Se concluye que hay necesidad de una acción conjunta entre la institución y profesionales que puedan identificar y combatir los agentes que causan estrés internos y externos presentes en el cotidiano de esos profesionales. **Descriptores:** Estrés ocupacional. Enfermero. UCI adulta.

1 Bacharel em Enfermagem pela Faculdade São Paulo - FSP, Enfermeira no Hospital Regional de Cacoal - HRC. E-mail:matioli8@hotmail.com. 2 Doutorando em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica-PUC/RS, Mestre em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Especialista em Saúde Mental pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Professor Substituto na Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

ISSN 2317-5079

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o estresse é considerado um dos principais problemas de saúde decorrente do mundo globalizado e capitalista, por se tratar de uma epidemia global que acomete aproximadamente 90% da população, interferindo na saúde e influenciando negativamente a vida dos profissionais de saúde (MALAGRIS, FIORITO 2006; VERSA et al., 2012; MENZANI; BIANCHI, 2009).

Com isso, observa-se que o número de doenças relacionadas ao estresse está aumentando, assim como a preocupação com a prevenção e a cura. Nas três causas principais de mortalidade (câncer, doenças cerebrovasculares e cardíacas), o estresse está inserido como fator de risco (COSTA; LIMA; ALMEIDA, 2003; CARVALHO; SERAFIM, 2002).

O termo "estresse" vem da física, campo conhecimento em que seu sentido de deformidade é como se fosse uma estrutura que sofre quando é submetida a um esforço (FRANÇA; RODRIGUES, 2015).

Em 1926, Hans Selye definiu estresse como sendo "um conjunto de reações que o organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço para adaptação" e toda demanda ou agente causador de estresse é aquele que causa a reação de estresse, podendo ser de natureza emocional, física ou mental, significando a totalidade de efeitos não específicos de fatores como: agentes produtores de doenças, atividade normal, drogas, e outros que agem no corpo e na mente humana (CARVALHO; SERAFIM, 2011; COSTA; LIMA; ALMEIDA, 2003).

Já na visão biopsicossocial, Rodrigues e França (2015, p. 18) dizem que o estresse se dá em uma "relação particular entre o ambiente e a pessoa e a todas as circunstancias a qual está submetida, sendo avaliada como algo que exige muito além do seu domínio e habilidades ou ameaçador que coloca em risco seu bem estar expondo-o ao perigo".

Desse modo, a manutenção da saúde física e mental da pessoa, ou seu adoecimento, relaciona-se à interpretação do mundo exterior e aos recursos de que dispõe para atender às demandas e aos estímulos aos quais está exposta (NEGELISKII; LAUTERT, 2011).

Quando esses fatores estão associados ao trabalho, o estresse denominado ocupacional é gerado no colaborador. O labor pode ser fonte de estressores que condiciona ao estresse ocupacional entre os profissionais incapazes de enfrentar as demandas requeridas pela sua ocupação e, em estado patológico, afeta diretamente o desenvolvimento das tarefas laborais. Acrescente-se que, mesmo em trabalhos ditos gratificantes que com afinco exigem capacidade de raciocínio, esforço, concentração, sempre haverá desgaste físico e/ou mental alterando a qualidade de vida (INOUE et al., 2013; KANAANE, 2014).

Na enfermagem, em qualquer área de atuação, há risco para o desenvolvimento de estresse ocupacional (VERSA et al., 2012). No que se refere ao profissional Enfermeiro, ressalta-se que ele desempenha muitas atividades com alto grau de dificuldade e responsabilidade, as quais consistem em fatores psicossociais que condicionam a presença do estresse no trabalho que, quando associado ao ritmo acelerado, às jornadas excessivas e ao trabalho em turno podem resultar em estresse ocupacional (MIRANDA; STANCATO, 2008; VERSA et al., 2012).

A atuação do enfermeiro encontra-se relacionada ao cuidado humano, sendo esta permeada por atividades burocráticas e assistenciais, as quais podem enfrentar situações complicadas de convívio, questões éticas, valores e crenças, vivenciar situações de grandes responsabilidades como cuidar de vidas; além de

ter que, quase sempre, se ausentar de sua família em datas comemorativas para tratar e amenizar a dor e sofrimento do outro (BARBOSA et al., 2013; MARZIALE; ROBAZZI, 2001).

Todos estes fatores vivenciados propiciam nesse profissional a geração de estresse laboral. Estudo realizado por Negeliskii e Lautert (2011) para avaliar a relação entre o estresse laboral e o índice de capacidade para o trabalho de 368 enfermeiros (82,1% da população) de um grupo hospitalar utilizou um questionário com questões sócio-ocupacionais e duas escalas: a *Job Stress Scale* e o Índice de Capacidade para o Trabalho. O grupo de enfermeiros era predominantemente feminino (93,2%), trabalhando em atividades assistenciais (63,9%), possuía pelo menos um curso de pós-graduação (76%) e estava satisfeito com a unidade onde trabalhava (70,5%). O estresse laboral estava presente em 23,6% dos enfermeiros, e, desses, 15,2% apresentavam alta exigência no trabalho e 8,4% faziam trabalho passivo.

Contudo, o enfermeiro que trabalha em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) soma ainda às atividades gerenciais e assistenciais um importante papel na preservação da integridade física e psicossocial dos pacientes, realizando atividades complexas, as quais incluem a liderança, o discernimento, a responsabilidade e a prática que são importantíssimas (PRETO; PEDRÃO, 2009).

A UTI é um local da área hospitalar que recebe pacientes em estado grave que necessitam de tratamento especializado e podem e devem ser tratados por uma equipe qualificada obtendo as melhores condições possíveis: coordenação de atividades e principalmente centralização de esforços, sendo o fator principal o relacionamento interpessoal, ou seja, nesse setor é necessário que além de conhecimentos técnicos, todos os seus colaboradores estejam bem psicologicamente para melhor atender esses clientes e suas famílias.

Pode-se salientar que o papel do enfermeiro, especialmente dentro de uma UTI, é base importante para o andamento de toda a equipe, a quem compete por lei (nº7498/86, artigo 11), privativamente, prestar "cuidados diretos de enfermagem a pacientes graves, com risco de vida" (BRASIL, 1986).

Embora a equipe de enfermagem que atua em UTIs seja composta por profissionais qualificados, engajados na promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde no âmbito individual e coletivo, nem sempre significa satisfação plena desses profissionais com o trabalho. Em contextos assim, o ambiente pode ser responsável pelo desenvolvimento de muitas doenças, como, por exemplo, o estresse ocupacional (BARBOZA et al., 2013; INOUE et al., 2013).

Estudo realizado por Inoue et al. (2013) em cinco instituições hospitalares da região Oeste do estado do Paraná, com 58 enfermeiros intensivistas assistenciais, entre maio e julho de 2010, constatou que a maioria (65,5%) apresentou nível de estresse médio. Corroborando esse estudo, Elias e Navarro (2006) afirmam que os profissionais de enfermagem fazem uma importante associação entre os agravos da saúde e o nível de estresse imposto pelo trabalho.

Dentre os fatores geradores de estresse nos enfermeiros intensivistas estão as relações interpessoais, a escassez de materiais, o baixo salário, que levam os profissionais a manter dois ou mais empregos, enfrentando jornadas longas de trabalho. Com isso, as condições de trabalho e de saúde da equipe de enfermagem têm sido denunciadas mundialmente, por isso a luta pela melhoria dessas condições tem sido, no contexto geral das organizações, alvo de debate no meio acadêmico e objeto de investigação de muitos pesquisadores (MAURO; ZEITOUNE, 2000).

Os recursos materiais e humanos têm sido apontados como os principais fatores inerentes à manifestação de sintomas de estresse nas UTIs.

Estudo qualitativo realizado por Barboza et al. (2013) com sete enfermeiras que trabalhavam em UTI, no ano de 2011, concluiu que a estrutura física e recursos materiais, o relacionamento interpessoal e o gerenciamento foram apresentados como causa de estresse.

Corroborando o estudo anterior, os resultados de uma pesquisa de revisão integrativa da literatura realizada por Bezerra, Silva e Ramos (2012) apontou relação entre o estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência à escassez de recursos humanos e à carga horária de trabalho, instalações físicas e recursos materiais inadequados, além de plantões noturnos, interface trabalho-lar, relacionamentos interpessoais, competitividade e distanciamento entre teoria e prática.

O estresse ocupacional também está correlacionado ao turno em que trabalham os enfermeiros. Estudo realizado por Versa et al. (2012) apontou que o ambiente laboral se associou positivamente ao estresse em enfermeiros do turno da noite e que o seu aparecimento e efeitos podem ser minimizados por meio de melhorias na estrutura e na organização dos locais onde atuam.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi investigar os agentes estressores internos e externos ao trabalho dos Enfermeiros e Técnicos em Enfermagem intensivistas que atuam em UTI adulto.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi delineada por meio de um estudo transversal de método descritivo de abordagem quantitativa. A pesquisa descritiva procura descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2008). No que se refere à abordagem quantitativa, Creswell (2010, p. 26) afirma que esse tipo de pesquisa "é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre variáveis".

A pesquisa foi realizada durante o mês de março de 2016 com 26 participantes, sendo: 10 profissionais enfermeiros e 16 profissionais técnicos em enfermagem que atuam na Unidade de Terapia Intensiva Adultos UTI "A" e UTI "B"; a primeira composta de dez leitos, sendo dois desses leitos de isolamento e a outra com oito leitos, de uma mesma instituição pública de saúde.

Todos são funcionários públicos estaduais com experiência média de dois a oito anos de atuação em UTI adulto. A amostra foi por conveniência, a qual "[...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo" (GIL, 2008, p. 94).

Os critérios de inclusão utilizados na escolha foram: enfermeiros e técnicos em Enfermagem que desempenham suas funções na referida UTI adulto e concordam em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da pesquisa os licenciados e os que estavam de férias, não sendo possível obter mais dados.

Para coleta de dados, foram utilizadas duas fontes. A primeira foi um questionário contendo dados de caracterização dos participantes como sexo, tempo de formação, tempo de serviço na instituição, carga horária semanal, quantidade de empregos e classificação da área de atuação. A segunda foi o Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE), que foi elaborado e validado por Stacciarini e Trocolli (1999) para investigar os principais estressores da profissão do enfermeiro.

O IEE foi desenvolvido com 44 itens que abordam diversos aspectos e apontam situações vividas por enfermeiros que podem ser vistas como fonte de estresse ou tensão. Trata-se de uma

escala tipo *Likert* de cinco pontos, na qual (1) significa nunca, (2) raramente, (3) algumas vezes, (4) muitas vezes, (5) sempre. Nesse caso, o intervalo possível é de 44 (44 questões x 1) até 220 (44 questões x 5).

O inventário é composto por quatro categorias: Fator 1 - Fatores intrínsecos ao trabalho, itens: 06, 07, 09, 10, 13, 15, 17, 20, 21, 33, 44, que se relacionam às funções desempenhadas, com recursos inadequados e jornada de trabalho; Fator 2 - Relações Interpessoais, itens: 01, 12, 16, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 43, que abordam as relações interpessoais com profissionais, pacientes e familiares; Fator 3 - Papéis Estressores na Carreira, itens: 04, 05, 22, 27, 30, 32, 37, 38, 39, 40, 41, que se referem à falta de conhecimento, à autonomia da profissão e à identificação; Fator 4 - Estrutura e Cultura Organizacional, itens: 02, 03, 08, 11, 14, 18, 19, 34, 35, 36, 42, que abordam as relações com o ambiente. Os autores definem que valores acima de 145 são fortes indicadores de que o profissional percebe seu local de trabalho como estressante.

Procedimentos de coleta de dados

Após a autorização da pesquisa pela instituição e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), parecer nº 1.520.987 e CAAE nº 50916915.1.0000.5605, fez-se contato com os participantes do estudo quando foi apresentado o objetivo da pesquisa. Com aqueles que concordaram em participar, fez uma reunião em sala própria da instituição, livre de qualquer interferência, na qual foi lido e assinado o TCLE. Os instrumentos foram aplicados de forma individual, com duração de 20 minutos.

Procedimentos de análise dos dados

Os dados de caracterização dos participantes foram analisados de forma descritiva em termo de frequência e porcentagem. Os dados referentes ao IEE foram analisados de acordo com as instruções recomendadas no instrumento, sendo que quanto maior o valor da somatória dos itens, maiores os níveis de estresse nas situações encontradas no IEE.

RESULTADOS

Participaram da presente pesquisa 26 trabalhadores da saúde, distribuídos entre os dois gêneros, sendo, 80,7% (n=21) do sexo feminino e 19,3% (n=05) do sexo masculino, conforme mostra a tabela 1. Quanto à formação, 38,5% (n=10) dos profissionais participantes eram enfermeiros e 61,5% (n=16) técnicos em enfermagem que trabalhavam diretamente com pacientes críticos, distribuídos em duas UTIs, intituladas UTI "A" e UTI "B", somando 18 leitos de UTI adulto.

De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o sexo feminino predomina entre os profissionais de enfermagem sendo 84,6%, enquanto o sexo masculino apresenta com 15,4% (COFEN, 2015), informação que valida os dados encontrados no presente trabalho. Contudo, vale a pena ressaltar que há um aumento considerável do contingente masculino nessa área da saúde.

No que diz respeito à condição de provedor familiar, os resultados obtidos foram os seguintes: 65,4% (n=17) afirmaram ser provedor familiar e 34,6% (n=09) relataram não ser o provedor. Observou-se que a maioria dos pesquisados que afirmaram ter a responsabilidade de prover a família é composta por mulheres. Mioto (2002)

aborda que todos os cuidados que são destinados a uma instituição familiar devem sempre priorizar dois pontos: o desenvolvimento voltado para as famílias e sua sustentabilidade, pois a família deve estar protegida e amparada pelas políticas sociais, visando à melhoria da qualidade de vida de cada membro familiar.

Quanto à faixa etária da população estudada, destacam-se aqueles profissionais que se encontram entre 30 a 39 anos de idade, 42,3% (n=11); em seguida, os de 20 a 29 anos, 26,9% (n=07); e os de 40 a 49 anos, 26,9% (n=07), sendo a minoria representada pela faixa etária entre 50 a 59 anos, 3,9% (n=01).

Tabela 1 - Caracterização dos profissionais

VARIAVEL	DESCRIÇAO	Nº	%
Sexo	Feminino	21	80,7
	Masculino	05	19,3
	Total	26	100
Formação	Enfermeiro	10	61,5
	Técnico em Enfermagem	16	38,5
	Total	26	100
Idade	20-29	07	26,9
	30-39	11	42,3
	40-69	07	26,9
	50-59	01	3,9
	Total	26	100
Estado Civil	Casado/União Estável	18	69,2
	Solteiro	03	11,5
	Divorciado/Separado	04	15,4
	Viúvo	01	3,9
	Total	26	100
Provedor Principal	Sim	17	65,4
	Não	09	34,6
	Total	26	100
Renda familiar	1 a 2 salários	06	23,1
	3 a 4 salários	13	50
	5 a 6 salários	04	15,4
	> 7 salários	03	11,5
	Total	26	100
Vínculo empregatício	Um	13	50
	Dois	13	50
	Total	26	100
Carga horária	40h	13	50
	70h	02	7,7
	80h	11	42,3
	Total	26	100
Especialização/Enfermeiros	Nenhuma	02	20
	Especialização *Lato Sensu*	07	70
	Especialização *Stricto Sensu*	01	10
	Total	10	100

Fonte: pesquisa direta, 2016.

Ao se referir ao estado civil, 69,2 % (n=18) dos participantes afirmaram ser casados ou estar vivendo em união estável; 11,5% (n=03), solteiros; 15,4% (n=04), divorciados; e 3,9% (n=01), viúvos (as).

A distribuição da renda familiar mostra que a metade dos pesquisados, 50% (n=13), possui renda de 3 a 4 salários; 23,1% (n=06), de um a dois salários somam; 15,4% (n=04), de cinco a seis salários; e 11,5% (n=03), acima de sete salários.

Pode-se constatar que 50% (n=13) dos entrevistados possuem apenas um vínculo empregatício e outros 50% (n=13), dois vínculos. 50% (n=13) mantêm um contrato exclusivo de 40h semanais, os demais, 7,5% (n=02), têm contrato semanal de 70h, e 42,5% (n=11), de 80h; lembrando que todos profissionais mantêm com a instituição a carga horária de 40h semanais.

Tabela 2 – Distribuição conforme o tempo que exerce a função.

ENFERMEIRO						TEC. ENFERMAGEM					
Tempo de formação			Tempo de atuação na UTI			Tempo de formação			Tempo de atuação na UTI		
	Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%
< 01 ano	02	20	< 01 ano	01	10	< 01 ano	04	25	< 01 ano	02	12,5
02 a 07 anos	07	70	02 a 05 anos	05	50	02 a 07 anos	10	62,5	02 a 05 anos	06	37,5
11 a 20 anos	01	10	06 a 08 anos	03	30	11 a 20 anos	02	12,5	06 a 08 anos	07	43,8
> 20 anos	00	00	09 a 12 anos	01	10	> 20 anos	00	00	09 a 12 anos	01	6,2
Total	10	100	Total	10	100	Total	16	100	Total	16	100

Fonte: pesquisa direta, 2016.

Com relação ao tempo de formação, os resultados mostraram que dos 10 enfermeiros analisados 20% (n=02) têm menos de um ano de formação; 70% (n=07) concluiu sua graduação entre dois e sete anos; e 10% (n=1) têm entre 11 a 20 anos de formação. Quanto à pós-graduação, 20% (n=02) não possuem nenhuma, 70% (n=07) têm o título de especialista e 10% (n=01), o título de mestre. Quanto à área de atuação dos enfermeiros, a maioria, 09 (90%), atua na área de assistencialismo e 10% (n=01), na área administrativa.

Com relação ao tempo em que cada profissional de enfermagem exerce a função de enfermeiro intensivista, 10% (n=01) trabalham nessa função a menos de um ano, 50% (n=05), entre dois a cinco anos; 30% (n=03), entre seis a oito anos; e 10% (n=01), entre nove a 12 anos. Dos 16 técnicos em enfermagem intensivistas, 12,5% (n=02) exercem a função a menos de um ano; 37,5% (n=06), entre dois a cinco anos; 43,8% (n=07), entre seis e oito anos; e 6,2% (n=01), entre

nove a doze anos.

Os dados referentes ao IEE apontaram que 34,6 (n=09) dos entrevistados obtiveram escores acima de 145, indicando que esses profissionais percebem seu local de trabalho como estressante e 65,4% (n=17), abaixo de 145. Quanto aos resultados, em 40% (n=04) dos dez Enfermeiros entrevistados foram encontrados escores acima de 145 e em 60% (n=6), abaixo; entre os 16 Técnicos em Enfermagem, 31% (n=5) apresentam escores acima de 145 e 68,8% (n=11), abaixo. Contudo, ao considerar a diferença entre o número de participantes por formação, pode-se observar que a carga de estresse é maior entre os profissionais de enfermagem, uma vez que 40% (n=4) percebem o local de trabalho como estressante.

Os resultados gerais obtidos pelo IEE mostraram que 34,6% (n=9) dos profissionais entrevistados veem seu local de trabalho como estressante e 65,4 % (n=17) não têm essa mesma percepção. Pereira e Bueno (1997) afirmam o contrário, pois em estudo realizado com 100 enfermeiros, 90% disseram achar o trabalho realizado em uma UTI cansativo, estressante e desgastante. Isso mostra a grande chance de esses profissionais se tornarem em futuro próximo enfermeiros estressados.

Na sequência, a Tabela 4 apresenta a estatística descritiva dos escores dos estressores, segundo as categorias, conforme avaliação dos enfermeiros, apresentando medidas de tendência central (média e mediana) e dispersão (desvio padrão).

Tabela 4 – Estatística descritiva dos enfermeiros do hospital público, segundo os escores dos estressores (IEE), de acordo com as categorias. Rolim de Moura, 2016.

Categorias do IEE	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	Desvio padrão
Fatores Intrínsecos ao Trabalho*	24	46	35	35,2	5,4
Relações Interpessoais no Trabalho*	21	49	33	35,5	8,4
Papéis Estressores da Carreira*	13	48	34	32,2	7,5
Estrutura e Cultura Organizacional*	18	44	33	32,2	7,3

*O total de itens por categoria é 11, podendo sua pontuação variar de 11 a 55.

Fonte: pesquisa direta, 2016.

Quanto aos resultados das categorias, pode-se observar que as Relações Interpessoais no trabalho aparecem com pontuação máxima (49), seguido de Papéis Estressores da Carreira (48), Fatores intrínsecos ao Trabalho (46) e, por último, Estrutura e Cultura Organizacional (44).

DISCUSSÃO DOS DADOS

A presença predominante do gênero feminino entre os participantes parece estar associada ao grande número de mulheres que buscam formação e capacitação nas mais diversas áreas do conhecimento. Bruschini (1998) diz que o crescimento da mulher no mercado de trabalho pode ser explicado pelas inversões de papel no âmbito da família, representando diferenciais entre um e outro sexo na participação no mercado de trabalho. Entretanto, o referido autor ressalta que, apesar do crescimento, as mulheres no mundo atual muitas vezes não têm seu merecido valor.

Estudo realizado por Bruschini (1998) mostrou que 95,85% dos homens investigados recebiam mais de cinco salários mínimos contra apenas 66% das mulheres. Na mesma pesquisa, observou-se que ambos os sexos tinham mais de 15 anos de estudo. Porém, na atualidade, mesmo em um universo ainda masculino, a diferença entre homens e mulheres vem diminuindo. Dados

publicados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE) apontam que a renda mensal dos brasileiros em 2004 apresentava uma diferença salarial de 28% entre homens e mulheres; em 2013, a diferença diminuiu para 25%.

Quanto ao fato de a maioria das mulheres entrevistadas serem provedoras familiares, estudos revelam que essa realidade se torna cada vez mais comum e que a imagem de pai, provedor, e da mulher, mãe e dona de casa, mudou. Ou seja, fazer parte do mundo moderno e capitalista para a mulher significa ter um emprego, ou seja, mulheres e homens disputam de forma igualitária as conquistas materiais e profissionais.

Em relação ao estado civil, a soma de casados foi 65% e dos solteiros de 11,5% dos profissionais pesquisados, dado que se aproxima dos resultados da pesquisa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) que publicou, em 2010, que a maioria dos profissionais de enfermagem é de solteiros e casados, somando-se 83,95% do total de profissionais de enfermagem. Com relação à renda familiar dos profissionais pesquisados, metade recebe de 3 a 4 salários; de 1 a 2 salários, a categoria de nível médio; os com graduação recebem entre 5 a 9 salários.

De acordo com Filha, Costa e Guilam (2013), o trabalho desempenha papel importante na vida social dos indivíduos, fornecendo aporte de renda regular, oportunidades e crescimento pessoal, identidade social e autoestima. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou, em 2011, um documento no Brasil dizendo que profissionais com curso superior têm 156% a mais nos seus rendimentos, sendo o mais alto índice entre todos os países pesquisados por ela.

No que se refere ao tempo que cada profissional ocupa a sua função, observou-se que a maioria a exerce entre dois a oito anos. Se, por um lado, esse tempo dispensado ao cuidado com pacientes graves em UTI denota experiência desses profissionais, por outro lado, esse tempo prolongado em exposição a um ambiente carregado de fontes geradoras de estresse pode se tornar desgastante para esses colaboradores. No que se refere a ter mais de um vínculo empregatício, verificou-se que 50% dos participantes possuem mais de um emprego e desses 42,5% mantem carga horária de 80h semanais, entre o setor público de saúde e privado tendo a realidade das duas instituições como base no seu trabalho direto com o cliente.

O que parece é que a dupla jornada de trabalho se faz necessária aos trabalhadores de enfermagem, principalmente pela situação econômica emque a área da saúde se encontra. Em um estudo de revisão bibliográfica realizado por Ferreira (2016), constatou-se que dentre os fatores de risco estressores abordados nas publicações investigadas, os que são constantemente mencionados são: a dupla jornada de trabalho, a exigência de responsabilidade, sobrecarga de trabalho e rotações de escalas.

As mulheres são as que mais sofrem com toda essa sobrecarga de trabalho, pois além das jornadas duplas que têm que assumir exercem inúmeros afazeres, muitas são mães e donas de casa, conciliando jornadas triplas, podendo levá-las ao estresse emocional. Spíndola (2000) ressalta que as jornadas duplas ou triplas podem levar a mulher ao estresse emocional, levando-se em conta que a sua inserção no mercado de trabalho não se desvinculou das tarefas domésticas e nem da educação dos filhos, resultando, assim, em acúmulo de atribuições.

O enfermeiro é parte fundamental da estrutura organizacional de uma unidade hospitalar, portanto, é necessário que ele se preocupe com o seu desenvolvimento, adquirindo novas habilidades e conhecimentos. Na UTI, a

ISSN 2317-5079

atuação do enfermeiro compreende diversas competências que necessitam que esse profissional esteja apto para desenvolver suas atividades. Fleury e Fleury (2001) conceitua a competência dizendo que um saber agir reconhecido e responsável implica em integrar conhecimentos, mobilizar, agregar ao mesmo tempo economia a organização e valor social ao indivíduo.

O trabalho em uma UTI é sempre realizado com muita competência técnica e científica, uma vez que as condutas ali tomadas devem ser sempre seguras, pois delas dependem a relação entre a vida e a morte das pessoas, e de fato as competências desses profissionais devem ser sempre de desenvolver a assistência de enfermagem de alta complexidade, necessitando de aprimoramento. Assim, nessa perspectiva, devem ser promovidas ações e vigilância à saúde para estimular a construção de conduta direcionada ao bem-estar dos indivíduos e à adoção de modelo de vida saudável (NEGELISKII; LAUTERT, 2011).

O ambiente de UTI é agitado e muito instável e um líder é primordial nesse ambiente. O enfermeiro tem papel importante nesse momento: o de agir, dialogar, de motivar a equipe que está sob sua coordenação porque, quando não se tem esse retorno entre ambos profissionais, a qualidade do serviço prestado diminui. Nesse cenário, os profissionais poderão estabelecer relações interpessoais permeadas por conflitos, tornando o ambiente de trabalho o cenário tensivo nas relações humanas, sociais e hierárquicas (NEGELISKII; LAUTERT, 2011).

Com relação ao ambiente de trabalho, nota-se que tanto nos enfermeiros quanto nos técnicos em enfermagem os escores encontrados não indicam nível elevado de estresse, mas todos tiveram a mesma percepção quanto à escassez de funcionários, barulho intenso de máquinas e equipamentos, jornada de trabalho extensa, levando ao entendimento de que medidas devem ser tomadas para evitar um futuro estresse entre os profissionais. Leite e Vila (2005) dizem que todo processo de cuidar pode se tornar frustrante justamente por causa das dificuldades que decorrem das condições de trabalho.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu verificar o perfil de saúde mental dos enfermeiros e técnicos de enfermagem que trabalham em uma UTI adulto e como eles percebem seu local de trabalho como fonte geradora de estresse. Constatou-se a predominância do sexo feminino com idade entre 30 e 39 anos e com tempo médio de atuação, na referida UTI, entre dois a oito anos, dados esses que corroboraram outros estudos da literatura.

Observou-se que a maioria dos participantes enfrenta dupla jornada de trabalho com até 80 horas semanais. Considerando que a amostra deste estudo foi constituída pela maioria de mulheres que adiciona à jornada de trabalho profissional os trabalhos domésticos como cuidar de casa, dar atenção a família e estudar para se manter atualizada na profissão, esse resultado ganha destaque como um dos principais fatores que pode estar relacionado aos agentes preditores da geração de estresse nesses profissionais.

O estudo mostrou que os enfermeiros compreendem que a função que exercem necessita de formação especializada e contínua, o que explica o investimento da maioria em cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado).

Sobre os fatores internos percebidos como fontes geradores de estresse no ambiente de trabalho, as relações interpessoais que abordam com profissionais, pacientes e familiares foram apontadas pela maioria dos participantes como principal agente indicador de estresse. Parece que

as relações interpessoais são afetadas pela soma de um conjunto de fatores estressantes, internos e externos, como a falta de recursos adequados e jornada de trabalho excessiva, que provocam o desequilíbrio psicológico desses profissionais. Ou seja, o estresse manifestado nas relações interpessoais pode ter sua origem em outras fontes de estresse existentes na profissão.

Embora os resultados, de modo geral, apontem baixos níveis de estresse, percebidos pelos enfermeiros e técnicos em enfermagem, os agentes estressores existem como a dificuldade de enfrentar as críticas, as tomadas de decisão, as dificuldades frente à assistência ao paciente grave e sua família, em frente a esses agentes estressores. Ou seja, o ambiente de UTI, local de atuação desses profissionais, encontra-se numa zona de risco e os números apresentados neste estudo servem de alerta, pois são fortes indicadores de que esses profissionais possam se tornar profissionais estressados em futuro próximo.

É necessário que a instituição, em conjunto com os profissionais, esteja atenta para identificar os agentes estressores no cotidiano da equipe e juntos procurar estratégias e mecanismos, tanto individual quanto em grupo, para prevenir e intervir na ocorrência de estresse.

REFERÊNCIA

BARBOZA, M. C. N. et al. Estresse ocupacional em enfermeiros atuantes em setores fechados de um hospital de Pelotas/RS. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 3, n. 3, p. 374-382, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/7624/pdf>. Acesso em: 02 jun. 2016.

BEZERRA, F. N.; SILVA, T. M.; RAMOS, V. P. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 151-156, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026829018>. Acesso em: 21 maio 2016.

BRASIL. Lei n. 7498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, 26 jun. 1986. Seção 1, p. 9273-5.

CARVALHO, A. V.; SERAFIM, O. C. G. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Pioneira, 2011.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem.** Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html>. Acesso em: 15 abr. 2016.

COSTA, J. R. A.; LIMA, J. V.; ALMEIDA, P. C. Stress no trabalho do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 3, p. 63-71, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/08.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 517-25, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/v14n4a08.pdf.>. Acesso em 23 out. 2015.

FILHA, M. M. T.; COSTA, M. A. S.; GUILAM, M. C. R. Estresse ocupacional e autoavaliação de saúde entre profissionais de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 21, n. 2, p. 475-483, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/75947/0>. Acesso em: 20 abr.2016.

FERREIRA, R. G. Estresse do profissional de enfermagem no serviço noturno: uma questão de saúde. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 7, n. 4, p. 147-165, 2016. Disponível em: <http://www.uninter.com/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/396/278>. Acesso em: 19 jun. 2016.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. **Estratégias empresariais e formação de competências**. São Paulo: Atlas, 2001.

FRANÇA, A. C. L.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho:** uma abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, 2015.

Silva, C.; Batista, E. C.
GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008

IBGE: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http:/www.ibge.gov.br/home/estatistica populacao/trabalhoerendimento/pnad2004/>. Acesso em: 17 maio 2016.

INOUE, K. C. et al. Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 5, p. 722, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n5/13.pdf>. Acesso em: 21 maio 2016.

KANAANE, R. **Comportamento humano nas organizações:** o homem rumo ao século XXI, 2. ed.. Atlas, 2014.

LEITE, M. A.; VILA, V. S. C. Dificuldades vivenciadas pela equipe multiprofissional na unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.13, n.2, p.145-50, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a03.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2016.

MALAGRIS, L. E. N.; FIORITO, A.C. C. Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde**. Est Psicol.,** v. 23, n. 4, p. 391-8, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n4/v23n4a07.pdf.>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MARZIALE, M. H. P.; ROBAZZI, M. L. C. C. Ocorrência de acidentes de trabalho causados por material pérfurocortante entre trabalhadores de enfermagem de hospitais da região de Ribeirão Preto-SP. In: **Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem**, 11, 2001, Belém. Belém (PA): Associação Brasileira de Enfermagem, 2001.

MENZANI, G.; BIANCHI, E. R.F. Stress dos enfermeiros de pronto socorro dos hospitais brasileiros. **Rev Eletr Enf.,** v. 11, n. 2, jan. p. 327-33, 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n2/v11n2a13.htm.>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MIOTO, R. C. T. Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis. In: **Conselho Federal de Serviço Social.** O trabalho do assistente social e as políticas sociais, mod. 04, Brasília, UnB, CEAD, 2000.

NEGELISKII, C.; LAUTERT, L. Estresse laboral e capacidade para o trabalho de enfermeiros de um grupo hospitalar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 19, n. 3, p. 606-613, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/4381/5687>. Acesso em 29 mar. 2016.

PRETO, V. A.; PEDRÃO L. J. O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva**. Revista da Escola de Enfermagem da USP,** v. 43, n. 4, p. 841-848, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n4/a15v43n4.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2016

SPINDOLA, T. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP,** v. 34, n. 4, p. 354-361, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a06>. Acesso em: 20 abr. 2016.

STACCIARINI, J. M. R.; TROCOLLI, B. Instrumento para mensurar o estresse ocupacional: Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE). **Rev Latino-am Enferm.,** v. 8, n. 6, p. 40-49, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n6/12347.pdf> . Acesso em: 21 jun. 2016.

VERSA, G. L. G. S. et al. Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. **Rev. gaúch. enferm,** v. 33, n. 2, p. 78-85, 2012.disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n2/12.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Submissão: 02/08/2016

Aprovação: 08/11/2016